

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1224	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	30 de Dezembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	\$700	\$120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$850	\$120		



BELEZA INFANTIL — MENINA MARIA EUGENIA PINHEIRO FERREIRA PINTO
 (Cliché Vidal & Fonseca)

CRONICA OCCIDENTAL

Castelo-Branco

Parece que o amôr veementissimo dedicado á nossa juvenil Republica, não devia nublar no espirito dos nossos patrióticos amigos e concidadãos, a noção precisa da realidade, um senso límpido de conduta. Esse amôr deveria efetivamente manifestar-se, se não num desinteresse absoluto, ao menos, num carinhoso e meticoloso cuidado que dirigisse no caminho da vida politica os seus primeiros passos hesitantes. Não foi, porém, assim, que ele se nos revelou.

Os nossos calculados mancebos-do-regimen souberam sómente ver na bem-amada Republica, uma deliciosa matrôna, de peito alto e flancos fortes, insaciavel e eterna, pródiga de sorrisos e abraços, como deusa antiga.

Complacente e dadivosa, lançando palmas e louros sobre a multidão rouca e febricitante, envolta em *hurrahs*, fanfarras e poeira, desfilaram deante de ela, os cesares invictos, os chefes valentões, e a grossa turba-multa dos legionarios e da plebe.

Mas esta bondosa senhora, na sua apparencia gloriosa e sorrisonha, é herdeira de miserias gangrenosas que oculta cuidadosamente sob o seu manto verde-rubro, e mais vão alargando e mais vão dilacerando, no estouvamento da sua vida.

Por vezes tem delíquios e sombras agoirentas de apreensões se refletem na lividez da sua frente.

Ha, então, gritinhos e gestos de tristeza.

Mas, em breve, um sorriso irresistivel, ateiado pelo ridiculo da nossa propria miseria, se espalha e incendeia nos olhares da multidão. E continúa sempre em volta da nossa bem amada Republica, a mesma ronda de estouvamento, des-preocupação e alegria.

E se não podemos duvidar de que é bem entranhado e ardente o amôr que os nossos patrióticos amigos e concidadãos dedicam á juvenil Republica Portuguesa, é certo, tambem, que ao nosso espirito vem, por momentos, a melancolica ideia de que esse amôr conserva bem em si a garra duma doença monstruosa, é sádico, compraz-se na martirisação requintada do objeto amado; ou então de que esse amôr bem intencionado e são, é desoladoramente rude e ignorante.

O que é inegavel é que a apregoada dedicação ao regimen oferece em toda a parte o mesmo aspeto, a mesma sintomatologia, aqui e ali, no continente e ultramar, na capital e nas provincias.

Parece que a tunica da Republica Portuguesa, é a tunica de Cristo, a que todos se agarram com mãos fatais na ancia sófrega dum egoismo insatisfeito.

Nem tudo será bem assim.

Evidentemente, a patria não é hoje encarada bem nobremente, com um estoicismo forte de Roma primitiva.

Não se resolve, porém, tudo num egoismo reles, num egoismo animal, num egoismo estúpido de matilha, deante de carne fresca.

Nas provincias, a vida politica toma proporções mais restritas. Mas sofre do mesmo mal e tem as mesmas apreensões.

Imposto o novo regimen, daqui, dali, de todos os recantos, nos appareceram homunculos desconhecidos e de competencia ainda não reconhecida, que esgalgam os altos cargos publicos e ordenham a teta generosa dum poder assaz suscetivel, ciumento e raivoso.

Escrevemos de Castelo-Branco.

E' esta uma das cidades de provincia que no tempo da Ominosa mais se deixou enleiar nas malhas ferreas do caciquismo.

Sendo, em tempos, ha muito, decorridos, duma importancia comercial ainda tão consideravel, que alcançou ser capital da provincia, pouco a pouco, lentamente, foi deslizando no declive duma decadencia profunda, desde que, após as guerras do Constitucionalismo, foi açambarcada pelas mãos gananciosas e sem escrúpulos de Dois ou Três mais perspicazes e audazes.

Desde então, o distrito de Castelo Branco foi terreno impassivel e esteril por onde desenfreadamente galoparam as cavalgadas eleitorais dos seus mandões, nediamente ignorantes, rudemente egoistas.

Tudo que traduzisse melhoramento para os seus despreocupados e resignados habitantes era visivelmente desprezado pela gôrda ineptia dos seus caciques.

Agora, isto não se dá, precisamente.
As condições não são as mesmas.

Rebentos de caciquismo que por aqui comecem de abrolhar, são ainda invisiveis, a ôlho-nu.

No entanto, o movimento politico abandonado que se esboçou por todo o paiz, não modifica por aqui a sua sinuosa trajectoria. As mesmas hesitações aleanta no espirito dos nossos correligionarios.

Por aqui se formaram grupos e tertulias politicas que se agridem e enxovalham e intrigam, seguindo diferentes ideais, defendendo interesses diferentes.

Personalismo — é ainda a unica teoria politica aceitavel pelo espirito tacanho da nossa terra.

Mas quero crer tambem que por aqui existam inteligencias ponderadas e nobres que elevem acima dos pequeninos e egoísticos combates personalistas, o interesse supremo da Patria.

Este laborioso e pacato distrito de Castelo-Branco bem necessita e bem merece do carinho e esforço dos Altos Podêres...

Bôa administração, fomento agricola, desenvolvimento da industria, facilitação do comercio, melhoramentos locais — eis indubitavelmente o que os espiritos praticos e bem intencionados devem colocar acima das pequeninas lutas estereis de que só advêm prejuizos para a região e patria que pretendem servir.

Mas — devemos concordar — estes espiritos praticos, bem intencionados, lúcidos, são infelizmente rarissimos.

Aqui, como ahi, refervem intrigas, exacerbam-se odios, aguçam-se invejas incoerciveis, exaltam-se ambições insatisfeitas e inconfessadas. E assim, o interesse publico fica sobrepujado e menosprezado.

Bôa ou má administração — é relativa e — creio! — nada terá com ela a maior responsabilidade — a responsabilidade moral. Fomento agricola, desenvolvimento da industria, facilitação do comercio, são problemas intactos que se deixam á resolução da simples iniciativa individual.

Melhoramentos locais apparecem de onde a onde, raramente, quando a urgencia mais fortemente reclama e as condições abertamente favorecem.

Construção de estradas, que as necessidades regionaes ha tanto e tanto suplicam — é ideia que ha de surgir ainda aos espiritos preclaros do nosso distrito.

No entanto, é inegavel que grandes melhoramentos o novo regimen realizou.

Elevou-se a central o restrito liceu que se instalou no suntuoso Palacio Episcopal.

Não queremos agora discutir se esta magnifica instalação num edificio que era antiga propriedade, não de associações jesuiticas dissolvidas e expulsas do paiz, mas da Igreja que simplesmente foi separada do Estado — não queremos discutir agora se esta instalação significa apropriação ou expropriação.

Seja como fôr, o que é certo é que a instalação foi magnifica e a aquisição preciosa para o Estado.

Mas se havia o direito de adquirir o Palacio, haveria, acaso, o direito de esbanjar os seus antigos objéto artisticos? Não.

Não se pôde, pois, reconhecer á illustre Camara, o direito de extraviar os panos de Arrhás — o que felizmente não chegou a efectuar, por louvavel diligencia do povinho meudo — ou de vender, em hasta publica, duas duzias de cadeiras de madeira e palhinha antiquissimas e rarissimas por um preço estúpido e irrisorio.

O leilão foi assaz divertido.
Um avaliador, olhando desdenhosamente aquelas duas duzias de páus amarelados, balbuciu hesitante:

— Proponho 10\$000 réis...

— Quem mais dá?... — flauteou a voz esganiçada do pregoeiro.

A assembleia conspicua amortiçou um olhar indifferente.

Dum cantinho da sala, inesperadamente, tilintou uma pequenina voz ironica:

— Dou 10\$050 réis...

— Quem dá mais?...

Silêncio absoluto. Compasso de espera.

— 10\$050 réis. Basta! São suas.

E debandaram felcissimos e enveredaram serenamente para seus patrios lares.

E assim se consumou o facto!

E subindo lentamente a colina da minha terra, eu olho, a sorrir compassivo, a pequenina cidade.

Pôr-do sol!

E delicio-me docemente na contemplação distante destes horisontes tão largos e tão límpidos...

Dia de Natal!

Vento fininho e suavissimo sopra das bandas longínquas da serra.

Uma claridade morna e veludosa cõa-se das alturas e põe dedos pálidos de reverberos nos vitraes da cidade.

Fins da tarde na Beira!

Não sei que inefavel e indefinivel poesia nos escorrem languidamente na alma estes dias evocativos do Natal, esta paisagem nuançada e penumbrosa, este vento que perpassa, entre as arvores, em concertos de movimentos e de sons.

Do monte da minha terra, no circulo vastissimo e azulino que o meu olhar traça, lá se avista, ao longe, ao longe, a grande e alta Serra da Estrêla, acobertada no seu manto de azul, co-roada no seu diadema de neves eternas, esperando o meu gesto religioso de saudação...

Minha Beira, ó Serra — eu vos saúdo!

ANTONIO COBEIRA.



No presepio

N'aquelles dias então,
— por decreto imperial —
sahiu um censo geral
a toda a Tribu ou Nação.

Cesar Augusto era o genio
de Roma — da Scythia á Illyria —
Era então tambem Cyrenio
o presidente da Syria.

Longas estradas de alem,
José, mais a noiva amada,
caminharam de jornada
para as terras de Bethlem.

José, o noivo real,
tivera seu berço alli.
— Era o seu paiz natal!
— Eram campos de David!

De regia ascendencia nobre,
José, apesar de herdeiro,
era um simples carpinteiro,
sereno, tranquillo, e pobre.

Sabia vestir os nus,
soccorrer a Fome crua,
e aos olhos da noiva, á lua,
mandar supplicas de luz.

Sabia ao seu bem amado
mandar seus ais, seus martyrios,
na hora em que do azul sagrado
parece que cahem lirios!

Ora, eram vindos os dias,
segundo os signos dos céos,
e as lettras das Prophecias,
— que nascia um filho a Deus.

Mas este filho real
não foi nos céos embalado,
não teve ouro, nem brocado,
nem teve régio enxoval!

As nuvens não o enfaixaram
Nos seus mantos de setim!
Nem estrellas lhe cantaram,
Junto ao berço de marfim!

Não lhe mandou Deus enfeite
em uma salva dourada.
— Teve as perolas do leite,
— e o orvalho da madrugada!

Não lhe cantaram cantigas
os soes, para o adormecer.
— Teve o ouro das espigas,
— e os rubins do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento
Deus a beijal-o na face!
— Teve a luz do sol que nasce,
— e as ladainhas do vento!

Não lhe coseram neblinas
os seus nevados lençoes!
Nem bordaram roupas finas,
com aureas firmas, os soes!

Não lhe ofertaram toalhas
princeza, ou rainha louira!

NA ESCOLA DE ARTE DE REPRESENTAR

Homenagem a D. João da Camara

Memorar o nome de portugueses illustres, render-lhe o preto a que tem jus, é missão nobre para aquêles que amam a sua pátria, é grata obrigação para todos os que vêm no desenvolvimento das artes e das sciencias o principal factor de elevação moral e social do seu povo.

Porque êsse nome illustre vem honrar a terra que lhe serviu de bérço, aumentando-lhe o seu património artistico e intellectual.

realisou uma sessão solene em que o poeta illustre recebeu uma consagração honrosa para a sua memória. Os alunos do *Conservatorio* associaram-se a essa manifestação interpretando diferentes dialogos das peças de D. João.

Os alunos premiados, João Rodrigues Henriques, Joaquim Almada, Reinaldo de Azevedo, Marina Rodrigues e Ilda Ferreira, os actores de amanhã, empregando a sua arte, contribuíram assim para êsse acto em que se rememorava o nome daquêle que foi o primeiro director da Escola.

Inaugurava-se, além d'isso, o busto do saudoso poeta que Manoel Gustavo Bordalo Pinheiro modelou em terracota. Era o D. João com o seu

Homenagem a D. João da Camara



Os alunos D. Estela Leitão e Otélo de Carvalho, nos *Velhos*

OS ALUNOS DA ESCOLA DE ARTE DE REPRESENTAR QUE RECITARAM, TRECHOS DAS PEÇAS DE D. JOÃO DA CAMARA, NO SARAU DEDICADO À MEMORIA DO INVULNERAVEL POETA E DRAMATURGO

— Por enxoval — teve as palhas.
— Por bérço — uma mangedoura.

Só, de manhã, o saudaram
as andorinhas no ninho!
Só as violetas o olharam,
mais a flôr do rosmaninho!

Não lhe fez festas o Eterno,
ao collo de uma Rainha.
Só teve o bafô materno
da vacca, e da jumentinha!

E o Rei da Morte e da Dôr,
sem ter archeiros reaes,
só leu cortejos de amor
— nos olhos dos animaes!

(Da *Historia de Jesus*.)

GOMES LEAL.



Quando uma mulher vos fala, reparaí no que dizem seus olhos.

Glorifique-se, exalte se, corôe-se! que a consagração por sêr posthuma não perde de valia!

Em vida só se glorificam os ídolos. A morte fazendo calar as paixões traz o julgamento da obra humana e só essa é justa.

O nobre D. João morreu ha cinco annos. Mas não morreu com êle a sua obra, toda de sentimento, de ternura, de alma portugêsa! D. João! exemplo admiravel de modestia, de honestidade, de simplicidade! Espírito de eleição adejando pela alcandorada região do sonho, o olhar fito num ideal todo cheio de paz e de amôr, de beleza e de sacrificio! A imagem da sua alma delicada apparece vívida nas suas personagens e todo o seu intimo sentir elas o exprimem sob a forma de um lirismo expontaneo, magistral. Era um poeta — o poeta das almas simples!

A sua obra ficará na historia da dramaturgia nacional em lugar proeminente e os vindouros achar-lhe-hão o mêsmo encanto que hoje lhe achamos porque encontrarão nela todo o sentimentalismo da sua raça, toda a pureza de uma alma nobre.

O autor de *Os velhos* não ficará esquecido. Hoje todos se esforçam por levantar bem alto a memória do eminente dramaturgo, por lhe prestar a homenagem que merecia e que em vida não poderia ter tão sincera.

Foi na Escola de Arte de Representar, no dia 22 do corrente, que para abertura das aulas se

ar desprendido, o chapêu derrubado, a sua serenidade de santo. Espalhavam-se flôres sobre o damasco que cobria a coluna em que estava colocado. E como se flôres não bastassem para esta festa evocadora o Dr. Augusto de Castro, illustre professor da Escola, discursou com surpreendente relêvo acerca da pessoa e da obra de D. João. Produziu admiravel joia literária que foi muito apreciada e applaudida.

Terminou o distinto oradôr por fazer um voto tão sentido e ao mêsmo tempo tão expressivo que não resistimos a transcrevê-lo, já que na integra não podemos transcrever todo o discurso:

«Pobre e nobre poeta! Pobre e nobre D. João!
«Se alguma homenagem, verdadeiramente grata
«ao tem espirito imortal, te querem prestar, uma
«proponho e lembro eu. E' atravez das tuas liricas
«criações que nós hoje, apagado dos nossos
«olhos o teu perfil de sonhador, podemos evocar
«a tua figura de poeta; é atravez delas, estou
«certo, que tu ainda, no repouso do teu tumulo,
«nos vês a nós e vês, ainda pura, a vida mesquinha
«e ingloria que nós somos.

«Pois bem: — que, numa tarde de outono, numa
«dessas tardes em que a paisagem portugêsa,
«que ele tanto amou, é translucida e espiritual e
«a mais bela do mundo, que todos aqueles, os que
«ainda restam, que um dia viveram a alma das
«suas criações, a linda Emilinha d'*Os velhos*, a

«doce Nazareth d'A triste viuvinha, a pobre Romana d'A meia noite, o Sursum Corda, todos os humildes heroes, as sacrificadas heroínas da sua imaginação; que todos eles, os que ainda existem, se juntem numa romagem piedosa e vão comnosco, seus devotos, cobrir de rosmaninho e de flôres do campo a sua triste sepultura! Vendo-os, reconhecendo na areia da funebre alameda, os seus passos brandos, ouvindo-lhes talvez de novo a voz, o pobre D. João sorrirá, e estou a ouvi-lo murmurar, docemente, no seu leito de morte numa ultima ilusão da vida que criou:

«—Coitados! Pobre Emilinha! Pobre Nazareth! Pobres velhos! Lembraram-se de mim!»

Foi uma festa adoravel em que todos se deliciaram e muitos se distinguiram, porque sempre se distinguem aquêles que põem o seu talento ao serviço de uma causa nobre.

A illustre direcção da Escola de Arte de Representar, o seu corpo docente, os alunos, todos deram uma prova bem clara do muito que se interessam pelo desenvolvimento da arte dramatica.

Em parte alguma melhor que ali, se poderia realisar tão comevedora evocação, tão encantadora festa. Tambem não passou despercebida e teve larga concorrência em que se via tudo o que ha de notavel no nosso meio literário e artistico. Presidia à sessão o sr. Dr. Queiroz Veloso, director geral da Instrução Secundaria, Superior e Especial.

Resta-nos, que o voto do sr. Dr. Augusto de Castro se realise de uma forma prática: que o nobre poeta receba de todos os portugueses homenagem piedosa que possa igualar em sentimento a sublime intenção, o amovavel espirito da sua obra.

A. N.



Jerusalem

No tempo em que Jerusalem era ainda um campo de lavoira, viviam dois irmãos que possuíam a parte do terreno onde hoje se ergue a Fonte da Laranjeira.

O mais velho, casára e tinha uns poucos de filhos; o outro era só.

Cultivavam, em comum, o campo que tinham herdado da mãe. Chegado o tempo da messe, ataram as suas gabelas e elevaram dois montões eguaes que deixaram no campo.

Pela noite, adeante, o irmão que não era ainda casado, teve um belo pensamento e disse de si para consigo: «Meu irmão tem mulher e filhos a sustentar; não é, pois, justo que o meu quinhão seja tão grande como o seu; tomemos do meu montão algumas gabelas, para ajuntar secretamente ás suas; ele não dará por isso e não poderá, portanto, recusar-as.» Se bem o pensou, bem o fez.

Mas, na mesma noite, o outro irmão acordou e disse a sua mulher:

«Meu irmão é joven, vive só e sem companhia; não tem ninguem que lhe assista no seu trabalho, e ninguem que o console nas suas fadigas; não é, pois, justo que tomemos, do campo comum, tantas gabelas como ele; levantemo-nos, e levemos algumas gabelas ao seu montão, secretamente; ele não dará por isso e não poderá, portanto, recusar-as.»

No dia seguinte, ambos chegaram ao campo e se surpreenderam de que os montões ficassem sempre iguaes.

Nem um, nem outro, podiam explicar este prodigio.

Fizeram o mesmo por muitas noites seguidas; mas, como cada um levava ao montão de seu irmão o mesmo numero de gabelas, acontecia naturalmente que

os montões ficavam sempre iguaes, até que, uma noite, ambos se puzéram de sentinela para achar a causa do milagre e se encontráram levando cada um as gabelas que se destinavam mutuamente.

Ora, o logar onde um tão belo pensa-

mento tinha ocorrido, ao mesmo tempo e tão perseverantemente, a dois homens, devia ser, sem duvida, agradável a Deus. E os homens o abençoaram e escolheram e ali construíram uma casa de Deus.

LAMARTINE.



O Natal e a guerra

De asperrimo dezembro a longa e fria noite,
Em toda a christandade é noite festival;
No palacio do rico ou choça em que se acoite
O misero pastor, celebra-se o natal.

Nas alturas repete um écco — gloria a Deus!
Vem do côro suave, unisono, profundo,
Que se eleva da terra, harmonioso aos céus,
Como o clamor da paz, vibrando em todo o mundo!

A's tormentas da vida, aos golpes mais penosos,
Sucedem-se da festa os jubilos mais santos;
A mesma crença excita os actos generosos,
E uma raça diffrente, enxuga a outra os prantos.

Do amor divino, a chamma, as almas illumina,
E o bem lhes faz sentir do fraternal preceito;
Se como nesta festa as une, atrae, domina,
E as congraçasse, o mundo então era perfeito.

Mas o odio funesto, as ambições e egoismos
Que revoltam em furia, inteira a humanidade,
Profundam de continuo tetricos abysmos
D'onde feroz e audaz, irrompe a crueldade.

Ai! como é doloroso, commovente e triste,
Quando por toda a parte, alegam festas,
Pensar na convulsão que n'este instante existe
E enche de sangue e mortos gelidas florestas!

Um defende o seu lar, a terra em que nascêra,
Outro, na obediencia á lei, expõe a sua vida;
Aquelle, a symphathia inspira, que a mer'cêra,
E este, só compaixão, na lucta emfim perdida!

Ao lugubre estridor de mil canhões, distante,
Aos gritos d'agonia, á furia dos combates,
N'este dia solemne, a luz dos sol radiante
Tremula e impallidece ao choque dos embates!

Mais forte que a ambição de fausto e poderio,
O qu'rer maior grandesa, arrasta a uma campanha
Que um amplo campo muda em sanguineo rio
E levanta de mortos colossal montanha!

As phalanges que são á lucta arremessadas
A audacia e imprevidencia, em côro lastimando,
Marcham ao sacrificio, á morte resignadas,
E deixam, mulher, paes e filhos soluçando.

Se a força do poder a causa sustentasse
Da razão, da justiça, e normas do direito,
Que brilhante seria a gloria que alcançasse
A' luz da discussão, serena d'esse pleito!

Potestades da terra! segui o nobre exemplo,
Que para a paz manter, o Redemptor vos deu
E erguei-lhe um magestoso e memoravel templo,
Os povos abrigando á luz d'um puro ceu.

FRANCISCO SERRA.

A Missa do Galo

E' meia noite. As ruas de Lisboa oferecem um aspecto triste com os seus transeuntes encapotados caminhando uns encostados às parêdes, outros com os guarda-chuvas abertos para se livrarem de uma chuva meudinha, penetrante, que cae incessantemente.

E' sempre assim a noite de Natal. As janelas das casas, em maioria hermeticamente fechadas não deixam perceber o que se passa no *home*, quantas scenas de infinita tristeza, quantos momentos de doce alegria. — rara!

Uns sentindo a falta de um auzente, outros chorando a perda de um ente querido, outros sózinhos, outros gozando o inefavel bem de terem toda a familia reunida usufruindo uma mediania sofrível e para não falar naquêles a quem de modo algum a vida sorri — os párias, os deserdados — ainda os que são incapazes, por insuficiencia mental ou por doutrinas deletérias, de sentir todo o misticismo, todo o poder evocadôr que se desprende dessa noite estranha em que uma grande parte da humanidade comunga do mêsmo ideal, em que se faz a apotêose da familia recordando o nascimento de Jesus, no mais elevado conceito moral que essa sintese nos pôde dar.

Na cidade a vida tem diversos aspectos. Os ricos são os que se entregam menos formalmente a preceitos sãos. Os pobres, suportando a canga, arrastam a vida com amargura mas conservam mais o uso tradicional. Estes praticam-o por sentimento, aquêles se à alguma vez o fazem e por snobismo.

Assim, nas casas humildes, o Natal é festejado com mais amôr, com mais sublime intenção que nas vivendas opulentas em que na maior parte das vezes só serve de pretexto para um lauto banquete.

Quem vêmos nas ruas de Lisboa nesta noite de mistério?

Os noctivagos e as agoireiras aves do vício ou os garôtos dos jornaes? Não. Alguem mais. São os que saem dos teatros e se dirigem, vestidos a rigôr, para os restaurantes da moda onde vão celebrar, numa promiscuidade pouco louvavel, a tradicional festa da familia.

São os que se dirigem para os Inglezinhos, como última palavra de elegância, em suas faustosas equipagens, para assistirem à missa do galo.

Ruido de sêdas, perfumes exóticos,

olhares ternos, palavras murmuradas ao ouvido, em suma, exposição humana!

Noutras igrejas se celebra tambem a missa do galo. Para lá se dirigem, à formiga, aquêles que vamos encontrando, mas não vão ali por fervôr religiôso.

E' uma multidão heteróclita em que haveria muito que estudar. Caixeiros, artistas, vândios, estudantes, costureiras, mulheres sem cotação, raparigas de não muito elevada condição social acompanhadas de suas respeitaveis e sonolentas

ctor de corrupção e de desrespeito pelas crenças religiosas.

E, facto curioso a notar, a missa do galo que de ha muito se vem desvirtuando não merece aos *fieis* o mêsmo respeito que a missa comum posto que nesta a compostura e decôro devidos ao culto de uma religião deixem tambem muito a desejar.

Nas ruas lamacentas e tristes passa provinciano ingênuo que o ar ambiente não conseguiu ainda perverter e se vae recordando de tempos passados e da missa do galo na sua aldeia.

Eles lá vão aos pares, os namorados, a caminho da pequena igreja que se divisa ao longe desenhando nas trevas uma mancha rubra intermitente.

O ar que se respira é puro.

Ha uma leve malicia nos lábios dos fortes mocetões e das robustas raparigas. Não deixam mesmo de se apertar um pouco mais ternamente. Mas os seus sentimentos são sãos. E essa liberdade, que não é licença, não ofende o acto a que vão assistir.

Mas, sonho! dizem agora que nos nossos campos já não ha essa simplicidade, que já lá chegou a civilização, que já não ha a graça campestre.

Ah! civilização! na tua marcha avassaladôra rouba-nos quantos quadros graciosos tinhamos que nos podiam deliciar a curta vida e fazer-nos esquecer suas vilezas e ignominias.

A. DE MELLO E NIZA.



DE VOLTA DO RIO

(Quadro de Sousa Pinto, simile-gravura de Marques Abreu)

mães, emfim tudo o que pôde constituir uma multidão que se atreve a arrostar a intempérie para ir assistir a um *espectáculo* que a não atrae certamente pelo seu espirito religiôso.

Ali, a irreverencia não tendo a encobri-la o verniz da elegância, manifesta-se brutalmente.

O acto perde a sua significação e torna-se em costume barbaro.

Prescrutando o espirito de algumas dessas pessoas vê-se que é um sensualismo mórbido, inexplicavel, que as arrasta ali; outras vão por hábito, outras por curiosidade, nunca por sentimento religiôso ou por nítida compreensão dessa cerimonia.

E' pois, por essas razões que a missa do galo, nas cidades, não oferece a um espirito delicado essa sensação de beleza que lhe poderia dar a sua conceituosa significação, antes se transforma em fa-

Para os apaixonados da sublime arte da pintura, inegavelmente Madrid é um meio excelente, para saciar os mais exigentes, pois difficilmente se encontrará outra cidade em que tantas e tão variadas maravilhas da pintura estejam reunidas.

Ha pouco tempo ainda, tivemos a dita de passar as suas *calles* principaes, admirando a sumtuosidade das fachadas dos seus edificios, quer do Estado, quer particulares; as numerosas estatuas que nas praças, passeios e cruzamentos de ruas se erguem, relembrando passadas épocas de gloria da cavalherêsca Espanha; mas é dos seus dois famosos Museus de pintura, que mais vincadas impressões nos ficaram.

E' o maior o Museu do Prado, a que servem como de guardas de honra, entre plantas e flôres, as bronzas estatuas de Murillo e de Goya aos extremos, e a de Velasquez da Silva ao centro, na qual, com grande felicidade, a esbelta figura do egrégio artista é representada pintando; entrando-se lá dentro, no amplo Museu, temos a deliciosa sensação de ver perpassar ante a vista como que uma fita, em que a pintura de todas as escolas e de todos os tempos, a começar nos primitivos, se sucedem sem interrupção.

Os maiores nomes de pintores da Italia, da Flandres, da Alemanha, da França e principalmente da Espanha firmam telas dos mais diver-

dos géneros e formatos, e é principalmente no «salão Velasquez» em que a enorme obra do consumado artista está reunida, que se experimenta a mais funda emoção estética e de grande respeito, ao contemplar os famosos retratos e os extraordinários quadros cheios de verdade, do iniciador do naturalismo pictórico.

Sahimos do opulento Museu de mundial reputação e vamos seguindo agora para além do passeio do Prado, para o de Reclôto, não sem admirar no lago da praça de Cybels, a formosa estatua da deusa pagã, sentada no seu grande carro decorativo, puchado por formidaveis leões, como que personificando a propria Espanha, — que se alteia entre jactos de agua, n'aquela vasta e sumtuosa encruzilhada madrileña, formada pela riquissima calle de Alcalá, ostentando os seus predios monumentaes e os estensos passeios

A scena que a vasta tela representa, com figuras de tamanho natural, emocionou-nos duplamente, como artista e como português, é o beijão

.....da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

como o afirma Luiz de Camões nos *Lusiadas*.

Não discutindo agora se realmente tal facto teve logar, como se contesta, apraz á nossa alma de artista essa e outras tradições, que são afinal o encanto da Historia, que sem elas bem árida e banal ficaria, vemos que Martinez Cubells tratou magistralmente o emocionante assumpto.

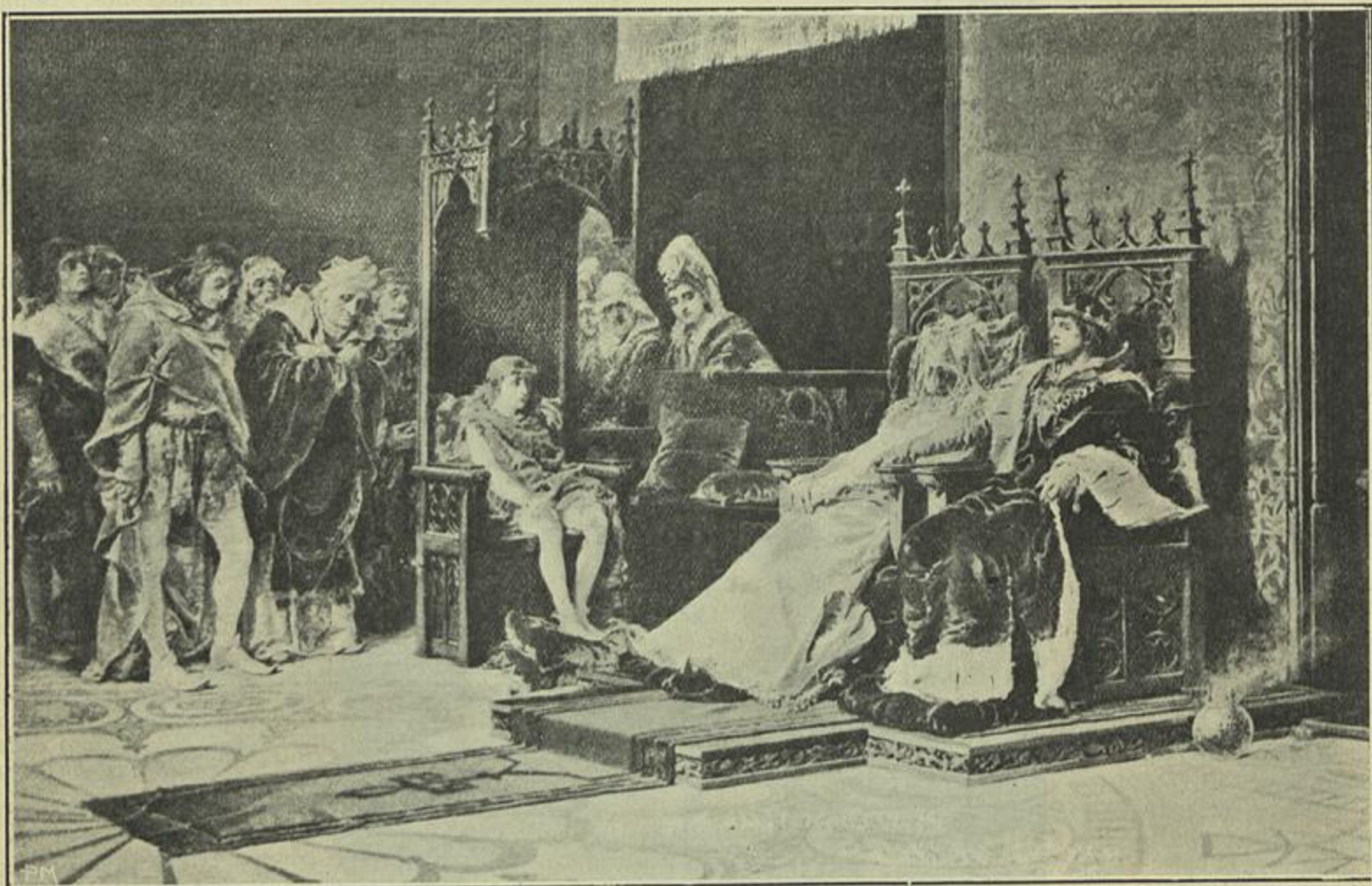
Ignez de Castro depois de retirada do caixão é posta no trôno, conservando o corpo hirto, in-

ter as emanções putridas do cadaver da inditosa Ignez de Castro.

Como portuguez um senão encontrei na primorosa grande tela de Cubells, a ausencia dos Castelos e Quinas de Portugal, colocados no saio de um pagem, ou n'um balsão, ou n'um dos trônos, dando assim a nota local e histórica da scena.

Trazendo da nossa recente viagem á capital da Espanha, entre outras, esta reprodução fotografica de um quadro de assumpto tão nosso e publicando-o acompanhado de estas ligeiras notas no OCCIDENTE, julgamos que será apreciado pelos leitores, que assim terão maneira de conhecer a alta interpretação, que deu um illustre artista estrangeiro a um tão shakspeareano episódio da Historia de Portugal.

RIBEIRO CHRISTINO.



DONA INEZ DE CASTRO

QUADRO DE S. MARTINEZ CUBELLS, NO MUSEU DE PINTURA MODERNA DE MADRID

do Prado á Castelhana, ladeados tambem de formosas construções arquitetónicas.

Entre estas avulta o palacio das Sciencias, o qual abriga n'uma vasta ala o Museu de pintura moderna espanhola; ali se accumulam as obras premiadas e adquiridas pelo Estado, dos mais afamados artistas pintores, desde Rozales e Fortuny, ou seja desde a segunda metade do seculo XIX.

Grandes telas, *lienzos* lhe chamam, se sucedem nas vastas salas, representando na maioria assumptos tetricos, terrificantes, que arripiam; n'uns o sangue corre a jorros de degolados e de fusilados; n'outros ha cadaveres desenterrados, esverdeados de podridão, que amantes beijam; telas que o visitante não sabe que mais o espanta, se o horror das scenas, se a perfeição do desenho e colorido em que os artistas poseram em jogo a sua grande arte.

E' entre estes melodramáticos assuntos, que se salienta o grande quadro que o OCCIDENTE estampa neste numero, e que o catalogo do Museu intitula *Doña Inés de Castro*, pintado por S. Martinez Cubells; artista não inferior em méritos á Cazado, a Madrazo, a Degrain, a Gisbert, a Chéca, a Ferrant, a Sunhol, a Amérigo, a Dominguez, a Palmaroli, a Carbonero, a Placencia, a Zoloága e tantos outros retumbantes nomes da moderna pintura espanhola.

terizado, a rigidez de mumia; está ricamente vestida de branco, tendo um veu que mal lhe occulta o esverdeado rosto, o qual lhe desce sobre o peito; tem ela as mãos cruzadas apoiadas nas coxas e os dedos enclavinados brancos como cera.

Ao lado, soberbo de vida e energia, envolto nas purpuras e arminhos régios, D. Pedro I ordena á côrte, que avance a beijar a mão da defunta.

N'um outro trôno ao lado, o infante D. Fernando, um lindo adolescente, assiste pávido á macábrica cerimônia; algumas damas mais atraz olham com espanto a morta, em quanto um Bispo, os Ricos-homens e Infanções de Portugal, n'um mixto de assombro e de respeito, se aprestam a obedecer á ordem régia.

Como se pode avaliar pela reprodução do OCCIDENTE, a composição, o desenho e claro-escuro são admiravelmente conseguidos e o *ponto* lê-se á primeira vista; o que porém só se pode apreciar ante o original é a beleza, variedade e riqueza do colorido, a que os opulentos trajcs da côrte gótica tanto se prestam; assim os veludos, as sedas, as alcatifas, os moveis, emfim toda a variada indumentária característica da scena, são realizados por forma admiravel; uma curiosa nota não escapou ao artista, é a esfera de metal ao lado do rei, exalando perfumes, para comba-

Exposição de Pintura

da Sr.^a D. Zoé Batalha Reis

Por este inverno rispido, em que o sol mal pôde temperar as frigidias rajadas do norte; quando todos procuram o conforto da casa, dos ambientes agasalhadores on. e a vida aquece, não podia vir em melhor tempo uma exposição de pintura, num comodo *atelier* entre estofos e tapeçarias, que não deixam penetrar o frio e ali nos quedarmos no goso ambicionado de contemplar coisas de arte, sob uma temperatura generosamente benefica.

Pela tarde, caminho do historico Chiado, lá chegámos á rua Serpa Pinto e entrámos no *atelier* Bobone, onde nos esperava a surpresa de uma exposição de pintura de artista e professora, devotada á sua arte como ao seu lar, encanto de esposo e de filhos, que logo vimos reproduzidos num belo desenho a pastel, como tantos outros que all se viam, sob o titulo: *A minha ninhada*

Não me era desconhecido o nome da sr.^a D. Zoé Wauthélet Batalha Reis; recordei-me de o vêr firmando alguns-quadros nas exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e reminiscencias tive de que esses quadros eram espe-

Exposição de Pintura da sr.^a D. Zoé Batalha Reis



RABICHA-Á-BICHA



ANTES DA LIÇÃO



UM TRECHO DIFÍCIL

(Clichés Benoiel)

cialmente retratos de boa feitura e melhor parecnça, tendo-me impressionado sobre tudo um retrato de Antonio Batalha Reis, não só por ser de velho amigo dos tempos da mocidade, mas porque era obra de mestre.

E entre os belos retratos que a sr.^a D. Zoé Batalha Reis denominou *De minha mãe* e *De meu pae*, lá encontrámos o de Antonio Batalha Reis, como que dominando o pequeno salão e os visitantes que se agrupavam na sua frente, embebiados no enlevo de uma obra de arte.

Quem assim pinta devia seu nome alar-se aos quatro ventos da fama, quando qualquer plúmivo das artes atrevidamente se eleva aos ares na ancia irreprimível do reclamo efemero.

A sr.^a D. Zoé Batalha Reis dispensa os falsos ouros e consolida a sua obra com o talento e com a segurança de boa escola, que afinal, é a realidade das cousas, sem impressionismos de cerebros doentios de desequilibradas mentalidades.



D. ZOÉ W. BATALHA REIS

Poderão alguns criticos achar demasiado classicismo na pintura da sr.^a D. Zoé Batalha Reis, tão desorientada tem andado a pintura nesta moderna exhibição de novos processos, com que se mascaram tanta vez as incorrecções do desenho, os erros de perspectiva, e por fim a ausencia de inspiração, de sentimento e de bom senso tambem; mas uma boa pintura será sempre aquela que obedece ás regras da arte interpretadas pelo talento.

E por toda a exposição da sr.^a D. Zoé Batalha Reis é quanto podémos observar em seus quadros, alguns mais fracos, esbocetos, estudos, sem pretensões, outros distintos, revelando o talento da autora, a fina observação do seu espirito, a justa visão das coisas, e todos de boa tecnica e irrepreensível correção.

Independente dos retratos, que a illustre professora pinta com aquella psicologia que nos dá a impressão real do retratado, para que basta citar o retrato do sr. Antonio Batalha Reis, pessoa bem conhecida na sociedade portugueza, independente desse genero de pintura, encontrámos na exposição do *atelier* Bobone, quadros de bela composição, harmonioso colorido e côr, onde a vista pousa tranquila, sem necessidade de ginasticas para perceber o que vê.

Assim fômos observando serena e socegradamente, ao longo da galeria os quadros que mais nos impressionavam, principiando por *Um franciscano* que nos olha contemplativo, faces emagrecidas, palidas, contrastando com a pretidão das barbas e do capuz envolvente da cabeça ascetica, para deixarmos o penitente frade que nos sencibilisa e alegrar-nos o espirito no quadro immediato, *Rabicha-á-bicha*, onde a vida scintila infantil naquelas creanças que pulam e correm em bicha deixando a ultima que se desprende e estendeu de costas na relva, agitando para o ar as pernitias num grande regabofe de brincadeira, enquanto os outros vão correndo, correndo...

Que gracioso assunto tratado com tanta verdade, que até parece ouvir-se a garulice folgazan dos pequenitos.

Mas logo outro quadro nos atrae, *A Barrela*, de um vivo colorido sem exageros, não podendo deixarmos de notar que a posição da mulher, toda entregue á sua tarefa, não permita que se lhe veja a cara. E' um defeito de composição que aliaz se vê em bons mestres.

A artista, porém, logo se resgata deste senão, no quadro que se segue e nos deteve curiosamente; intitula-se *Quem espera... desespera*.

Este quadro é de flagrante verdade, colhido num momento feliz de observação e de não menos feliz execução, que, é quanto nos póde prender. A dama que espera, mal sentada no banco de uma avenida, mostra bem na sua attitude inquieta e impaciencia que a domina, olhando investigadoramente para o ponto donde virá quem a faz esperar. O quadro, nas suas pequenas dimensões, cabe-lhe bem a composição, pois tem muita luz e ar, perspectiva aerea que a pintora conseguiu realizar com o vaporoso das tintas de sua paleta.

Este quadro pertence á sr.^a D. Sarah Ferreira Marques.

Pertencente á mesma senhora são os quadros, *Antes da lição* e *Um trecho difficil*, duas belas composições de intenção delicada e que a autora traduziu com extrema felicidade tanto na attitude das figuras, corretamente desenhadas, como na suavidade do colorido, a um tempo brilhante e sóbrio.

Por aqui nos quedámos sob a agradável impressão de um tão harmonico conjunto de pintura e nisto nos acompanhavam os mais visitantes, que demoradamente se detinham com interessada observação invulgar no estreito limite de nossos amadores de arte

As senhoras da nossa primeira sociedade, fizeram as honras a esta magnifica exposição, felicitando a distintissima professora que tão habil e talentosamente professa a sublime arte de Rubens, como nós a felicitamos tambem e agradecemos o prazer que nos proporcionou, no curto tempo em que pudémos apreciar os seus belos quadros.

CAETANO ALBERTO.



Desdita

Tudo era paz, harmonia.
A nora ao longe carpia
O seu tristonho fadario
E até, na prisão escura
Da sua estreita clausura,
Dormia a sesta o canario.

Das sombras d'uma latada
Surge então, fresca e rosada,
Uma loira creancita,
Que vendo o pobre captivo,
Na culpa que deu motivo
Ao seu castigo medita.

Coisa grave, com certeza,
Trazia ali, assim presa
Essa avesinha, coitada!
— E o seu bom coração
Encheu-se de compaixão
Pela supposta culpada.

Em liberdade, os pardaes
Chilreiam nos olivaeis,
Ouvem-se cantos na aldeia,
Rebanhos passam balindo,
Cruzam-se abelhas zumbindo
Em tôrno d'uma colmeia.

A tarde agora declina;
Já pouco a pouco a neblina
Empôa a crista dos montes,
— E o pequeno a scismar...
Se a culpa está em voar
E descobrir horisontes!

Em vão procuras, creança!
Tu, que és o riso, a esp'rança,
Que tens conforto e carinhos,
Não podes comprehender
O que é a sorte ao nascer
No berço, como nos ninhos!

Por todo esse mundo além,
Ha muito infeliz tambem



Que vive triste, opprimido,
Tão puro, tão innocente,
Que tem por culpa sómente
— A culpa de ter nascido!

12-12-1912

ANTONIO LEITÃO.



Inverno

Gosto da estação invernososa. N'ela, mais do que em outra do ano, aprecio o sol, no raiar da madrugada, no reflectir-se em prismas de neve, em lagrimas de orvalho!

Um dia, ha já vinte e seis anos, gosei de um soberbo e estonteante espectáculo de sol deslumbrante, em pleno inverno, a caminho para Viseu em carro, ido de Tondela; e não esqueci ainda as impressões de então, na larga estrada, viçada por duas sentinelas magestosas, — o Caramulo e a Estrêla!

Bem sei que o inverno tem um reverso, para o frio, a cortar corpos cobertos de farrapos, ignorada pobreza, consumada miseria, oh!, mas sei que renova a natureza, prepara o humus, ageita a argila, para a incidencia benefica do calor, que distende e alarga, auxilia e multiplica, abre mimosas e ridentes corolas, embalsama brisas, volatilisa vidas!

Aguas, aguas correntes, chuvas caudaeis, liquido precioso de onde promana o ser, elemento humido sem o qual nada existe, nada se mantém, nada perdura! sem ti, ó agua do monte e dos mares, dos lagos, das reprêsas, da evaporação, o que seria no Universo, o minusculo globo terraqueo e n'este o cerebro do homem?!

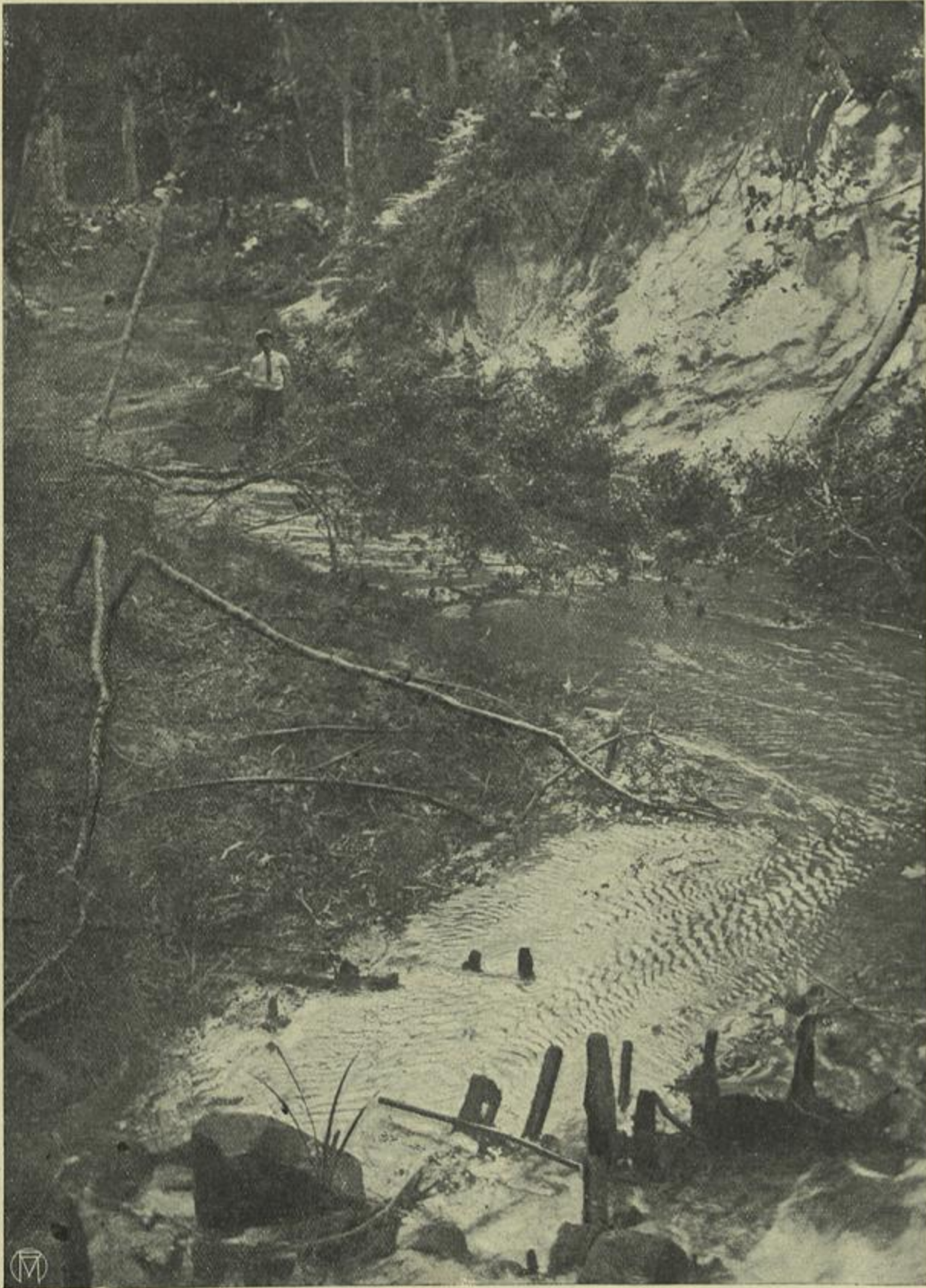
Não me conheço bastante forte para a ousadia de uma resposta; e, só me conheço contente com o inverno, até mesmo no brusco sombrio, que lembra a morte, que accorda o quadro lugubre, a visão do fim!

Lembranças de morte, acordar de quadros lugubres, visões do fim!, mas não será certo o que a Sciencia afirma pela voz da quimica, da fisica, da expe-

riencia comprovada, a manifestar por tudo e em tudo a persistencia da materia, a inexgotabilidade da força, a continuidade vital?!

frequencia pasmosa, iludem-se os desejos ao cantar de triunfo, o sonhador no sonho e o exagerado na utopia, iludem-se os proprios desiludidos, á procura de

esbatimentos da tua neve alvissima, nas tuas fecundas aguas, ora a deslizar sem sanha, ora a despenharem se enfurecidas e ruidosas?!



INVERNO

NO PINHAL DE LEIRIA (Fotografia do sr. E. Barros, cliché da «Mala da Europa»)

A solução d'esta é tão relativa e aparente como os fenomenos que julgamos testemunhar e não passam, todavia, de ilusões óticas!

Ilusões! iludem-se os sentidos com

enganar-se, e bem assim os que penetram na algidez tumular, com receios infindos, com apreensões temerosas!

Dezembro, inverno! quantas belezas de peregrino enleio, ha no teu sol, nos

A contos á lareira se presta o inverno, a invenções de fadas, a encantamento e dita do mundo infantil!...

Creanças, particulas nossas, ingenua inocencia, penhor e garantia do amanhã

social, elo do presente ao passado, do futuro ao sempre, do sempre ao eterno, em séries que não findam, em transformações que nunca cessam, que jámais acabam! quem pudera permanecer criança e não penar saudades pungentes de passamentos dolorosos, de arrancos subitaneos?!

Sol de dezembro, sol de inverno, fascinação feliz, arrebatadora magia, como eu gosto de entrever-te os pronunciamentos clarificantes, para além da linha extrema do horisonte, quando têm decorrido chuvosos dias, êrmos da tua luminosidade, viuvos do teu purpurino esplendor!

O Sol, astro pujante, verdadeira alegria e vivificação da terra, digno de culto és, autentico, por não haver em tua face, por não ser oculta em teu aspéto fisiológico, nenhuma préga, nenhuma hipocrisia possível!

Para a mesa nos chamam, para os francos desabafos do amôr, para os braços puros da fraternidade empolgante, para o sol do lar, para o dezembro aquecido e fulgurantissimo, de espumas e de castelos de assucar, do mel de longos, muito longos amplexos queridos e das indissolúveis sensibilidades, dos inenarráveis arroubos em seduções de entusiasmo, em culminações de delirios, que fogem, fogem, fogem, velozes como o relampago, imponderáveis como a mesma fugacidade sutil!!!

A'vante, mez de dezembro, mez da familia, com aguas correntes e iluminado pelo sol do inverno! mas não esqueçamos a indigencia e a miseria, o frio cortante e a necessidade angustiosa!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A Maria Achada ⁽¹⁾

Era uma vez um homem que tinha muita pena de não ter filhos e já era viuvo.

Certo dia, andando a passear, encontrou uma criancinha a chorar, e viu que estava embrulhada numa rica manta de setim bordada a ouro.

Imagine-se o contentamento do homem que, o mais cuidadosamente possível, tomou a criança nos braços e levou-a para casa. Baptisou-a com o nome de Maria Achada. A menina foi crescendo e quando já tinha quinze anos disse ao pai adoptivo:

— Eu ando com vontade de correr mundo, mas custa-me bastante abalar sem me despedir de si, meu querido pai.

O pae instou com ela para que tal não fizesse, mas debalde o fez porque Maria Achada era muito senhora da sua vontade e abalou de casa com uma trouxinha de roupa á cabeça.

Foi andando, andando, até que passou perto de um lago e tam distraída ia que a trouxinha, desequilibrando-se, foi cair dentro d'água.

Começou a gritar, mas ninguem lhe acudiu pois o lago ficava muito longe do povoado.

De repente, vê sair do lago um homem muito feio. Era um genio. A principio, a menina teve muito medo, mas assim que o genio começou a falar o medo desvaneceu-se-lhe porque a voz que ouvia era tam suave, tam meiga, tam melodiosa como a de um órgão. A Maria Achada adormeceu ao som dessa voz.

Ao acordar, encontrou-se numa gruta e reparou que á sua direita havia uma escada; subiu-a e quando chegou ao cimo nada viu.

(1) Esta historia para crianças tem o merecimento de ser original e escrita por uma menina de 10 anos de idade, a menina Maria Tereza Marques, que neste seu primeiro e singelo escrito revela boa disposição literaria digna de apreço, pelo que felicitamos a juvenil escritora, assim como seu pae, o nosso presado amigo Henrique Marques, bem conhecido cultor das letras e a seu filho Henrique Marques Junior, nosso estimado amigo e assiduo colaborador desta revista.

C. A.

Foi andando e ficou muito surpreendida ao passar por sumptuosas salas que permaneciam desertas.

Entrou num aposento, que era a casa de jantar, onde se via a mēsa posta com excellentes manjares; como tivesse vontade de comer, pois havia já muito tempo que não comia nem sequer uma buchinha de pão, sentou-se á mēsa e comêu tudo o que lhe apeteceu.

Aconchegada a barriguinha, adormeceu na cadeira, com os braços em cima da mēsa e a cabeça reclinada nêles.

Ora n'essa terra havia um principe que andava muito triste por ter sonhado que uma menina bonita, perdida havia quinze anos, e de que não se conhecia o paradeiro, havia de ser sua noiva. Assim que lhe chegou aos ouvidos que no palácio encantado estava uma menina muito bonita, teve um pressentimento e para lá se dirigiu.

O rei seu pai não queria que êle fôsse, mas o principe tanto teimou que o rei não teve remedio senão dar-lhe consentimento.

O principe partiu. Assim que viu o palácio, entrou e foi encontrar a menina ainda a dormir, encostada á mēsa. Tomou-a ao colo e levou-a para o palacio do rei seu pai. Uma vez aí, acordou e contou a sua vida, ficando o principe muito contente por ter encontrado aquela que em sonho lhe apparecera e que lhe estava destinada para noiva.

As nupcias — para que foram convidados os principais soberanos de todas as partes do mundo — foram sumptuosas e duraram um mês.

Eu tambem fui convidada, mas não comi nada por ter a barriga cheia.

1 — 12 — 1912.

MARIA TEREZA MARQUES.

Oração de amor

*Avê Leonor, aparição celeste,
Cheia de graça, oh meu eterno bem!
Bemdito seja o peito onde bebeste!
Bemdito seja o ventre de tua mãe!*

*Seja o Senhor, mulher, sempre contigo,
O' torre de marfim, mystica flor!
Sou um triste sem pão, cego mendigo,
Cego a teus pés a mendigar amor...*

*Bem dita sejas tu, alma querida,
Alma emanada do divino sêr!
Abençoou te Deus por toda a vida,
Bem dita entre as mulheres és, mulher.*

*Quando noivarem nossas almas, entre
As alvas radiações da propria luz,
Bem dito será o fruto do teu ventre,
Fruto do nosso amor!... Amen, Jesus.*

MARIANO GRACIAS.

BIBLIOTECA INFANTIL

O livro de Leonor

Pelos editores srs. Guimarães & C., da rua do Mundo, 70, foi agora publicado, sob o titulo acima, um interessante volume de contos de bons autores, destinados aos pequeninos leitores e que lhes será de grande encantamento.

Para dar melhor ideia dos engraçados contos do *Livro de Leonor*, dêle extratamos um ao acaso, que será lido com agrado.

A aventura de Aristides

— Senhor Aristides, ao quadro!

Esta chamada surpreendeu desagradavelmente Aristides, então occulto por detrás de um volumoso tratado de fisica e quimica, vendo num bocado de espelho alguns pontos negros disseminados

debaixo do nariz ao longo do labio superior e a que dava o pomposo nome de bigode.

Levantou-se, afogueado e com a vista perturbada, em consequencia da sua posição blindada atrás do seu forte improvisado e, muito aturdido, ia tomar posição em frente da ardósia.

— Senhor Aristides, diga-me tudo quanto sabe ácêrca do protoxido de azote.

O protoxido de azote... sim... o protoxido de azote... De facto é um assunto fértil... E decerto que Aristides o sabe... mas ficou um pouco desorientado... Ficou surpreendido com a pergunta e não sabe como responder, não pôde conseguir concentrar a sua atenção sobre êsse gaz subtil que lhe foge. Evoca visões de retorta e são raparigas ligeiras e vaporosas que lhe apparecem ante os olhos...

E? que no próximo domingo ha um baile — um baile em forma — em casa da sr.^a Darfaut, em honra de sua filha Tereza que completará quinze anos... e Aristides fôra convidado.

Aristides era interno no licêu de Besançon, não o rapaz sem gosto, de pernas muito compridas num uniforme muito curto. Não usa um ridiculo boné pequenino e não anda grosseiramente calçado com uns sapatos muito grandes. Não tem o cabelo em desalinho nem os dedos cheios de tinta...

Não; Aristides é um elegante liceal, cuidadoso com a sua pessoa e com o seu fato. As unhas são brancas e polidas, e os dentes muito brancos. (Ri frequentemente para os mostrar.) Tem o pé bem feito e faz gala nisso. O seu uniforme de passeio é de fazenda fina e de bom corte. As cousas mundanas atraiam-no mais do que as cousas universitárias e é preciso dizer que êle se portava melhor nas reuniões do que nas aulas. Aristides dança muito bem. Não tem rival nas valsas modernas, triunfa dos patinadores. Por todos êsses motivos é muito procurado pelas donzelas que dançam.

E o protoxido de azote?

Desappareceu... evaporou-se... A sua memoria não guarda vestigio algum... Sabem em que êle pensa agora?... Pensa que tem sete, bem visíveis... indiscutíveis, uns mais fortes do que outros, mas que prometem... Sete pêlos de bigode!...

Final isso não passava de um acaso muito frequente. Desgraçadamente agravou-se de um modo atroz numa tarde em que dava lição de historia.

As consequencias fôram desastrosas. Aristides ficou proibido de passear no domingo immediato.

Seria desconhecer a energia do rapaz, supondo que um tal golpe o apoquentaria. Era de ânimo forte e de espirito cheio de recursos. A audácia não lhe faltava, acompanhada de certa habilidade. Devia ir a êsse baile, dêsse lá por onde dêsse. Assim, depressa traçou um plano.

No domingo, á uma hora, os discipulos apontados estavam reunidos numa sala onde se fazia a chamada costumada. Depois, ouvindo o ditado do explicador, enchiam o menos conscienciosamente possível, durante três horas, intermináveis e inuteis folhas de papel. Ora acontecia muitas vezes que o explicador, to-

mado de uma outra classe, só conhecia de vista uma parte dos seus discípulos. Uma substituição era coisa fácil. Foi esta a base do plano do irresistível Aristides.

Não foi preciso ter muito trabalho para arranjar um estroina condescendente, que, por casualidade, se achava indemne de castigo nêsse dia. Pancrácio — assim se chamava o rapaz — aceitou logo a proposta, mediante uma justa e modesta indemnização de quarenta soldos, de responder á chamada em vez de Aristides, e desempenhar o seu papel, até que êste, subrepticamente se dirigia para casa da sr.^a Darfaut colher o tributo de homenagem que lhe merecia a sua graça e o seu espirito.

Assim foi.

Durante o recreio que se succedeu ao almoço, Aristides, ás furtadelas, subiu ao dormitório. Os escrupulos do rapaz de sala não fôram um obstáculo a que se apoderasse do seu uniforme de passeio... Vestiu-se com cuidado, penteou-se, deu pomada no cabelo e em seguida, perfumado e de flôr na botoeira, desceu sem ser notado e fechou se nos gabinetes.

Deu uma hora. Ao rufar do tambor, a dispersão dos alunos espalhados no pátio concentrou-se ao pé da escada. As fileiras formaram-se e sucessivamente se engolfaram no interior do edificio.

O pátio estava agora completamente deserto.

Então uma porta baixa se abriu e de um lugar especial e necessario, e que pudicamente os nossos vizinhos de Além-Mancha designam pelas iniciais W. C., saiu o mais elegante liceal do mundo. Com uma rápida vista de olhos, inspecionou os arredores e depois, serenado, coseu-se com a parede rodeando o edificio.

Na sua qualidade de bom valsista, Aristides possuia uma rara agilidade. Saltou com graça, atingiu o rebordo da parede, elevou-se á fôrça de pulso e depois de ter chegado ao cimo agachou-se com a cara para a rua e deixou-se escorregar resolutamente... Muito resolutamente mesmo, mas... ai!... o fundilho das calças ficou sem um bocado que se deixou prender numa saliencia da pedra. Um sinistro rasgão se ouviu e Aristides viu-se no chão com menos três quartos de calça.

Ha catástrofes cuja subitaneidade e tamanho são tais que se tem immediatamente a sensação do Irreparavel. Fica-se sem fôrças e sem vontade pelo facto acontecido. O rasgão de Aristides fazia parte dêsse número. De repente, a sua temeridade appareceu-lhe terminada. Escusava de pensar nos patinadores, nas valsas, nem no *pas-de-quatre*. A unica solução que se lhe impunha era tornar para o domicilio universitário. Foi a ideia que lhe sorriu.

Já a sua cabeça se elevava acima da parede para a atingir outra vez, quando de repente largou as mãos e caiu outra vez ao pé da parede. Acabava de vêr o prefeito do liceu fazendo sentinela no pátio. Por pouco que não se encontraram cara-a-cara.

Desta feita, o caso agravava-se. O passeio do prefeito podia prolongar-se indefinidamente.

Esta é que foi uma dos diabos! Como sair-se da alhada?!...

Uma sensação de frescura sobre a carne recordou-lhe que estava na rua. Não podia ficar ali eternamente! Só havia um partido a tomar. Ir encerrar-se num café afastado, onde não corresse o risco de ser visto, e depois, auxiliado pela noite, entrar pela porta principal, confundindo-se com os condiscipulos que haviam saído, no momento em que tornassem para o liceu.

Um pouco mais socegado com as consequências da sua fuga, mas apesar de tudo muito melancólico, Aristides dirigiu-se para a rua Sablettes, num bairro afastado, propicio ao seu incôgnito.

.....
Durante êsse tempo, o Pancrácio alinhava assiduamente paginas infindáveis.

Conforme tinham esperado, o explicador era estranho áquella secção, de maneira que não conhecia nem um nem outro. A substituição foi, pois, facilima.

Suponho, meus queridos leitores, que conhecem a atroz fadiga que causa um ditado, proseguido sem tréguas e num tom monótono e de um assunto fastidioso. E' preciso ter uma grande fôrça de vontade para resistir ao sono que invade tanto mais fortemente quanto mais a natureza fôr indolente.

Pelas duas horas, Pancrácio tinha muita fôrça de vontade; pelas duas e meia, menos; ás três, quasi lhe tinha desaparecido e, como era algo indolente, ás três e meia adormecia socegadamente.

Foi tirado da sonolência em que se encontrava pela mudança de tom do explicador. Abriu os olhos. Este tornou:

— Leia, sr. Aristides.

Pancrácio-Aristides ou Aristides-Pancrácio — como quiserem chamar-lhe — deu-se ao trabalho de lêr o ditado, mas ás primeiras palavras foi interrompido.

— Isso não; as ultimas dez linhas apenas.

Como cábula experiente, Pancrácio não se perturbou. Manuseou ruidosamente algumas paginas do seu caderno, molhando o polegar da mão direita, emquanto que com a esquerda, ás escondidas, deu pequenas sacudidelas, como apressado chamariz, na fatiata do companheiro que mais próximo lhe ficava.

Em linguagem de liceu, êste manejo queria dizer:

— Passa-me o teu caderno!

Desgraçadamente o companheiro era tímido e não ousou... ou então, muito egoista, não quis, de maneira que, por não ter acompanhado o ditado, Aristides, na pessoa de Pancrácio, foi gratificado com uma proibição de passeio.

Pancrácio era um excelente moço. Ficou vivamente impressionado com essa punição inscrita no activo do seu infeliz condiscipulo. O seu ressentimento contra o vizinho da esquerda, causa de todo o mal, não tardou a manifestar se. Demais êle era mais forte!...

Isto principiou por pontapés dados surrateiramente por debaixo da mesa (Ah!... tu queres castigar Aristides?!...) Em seguida, sujando-lhe a cara de tinta (Para que saibas, maroto!) Em suma, Pancrácio soube tão bem vingar o amigo que o explicador foi obrigado a intervir. Separou os dois adversários, que fez sentar nas duas extremidades da aula, e em seguida redigiu um formidavel libélo con-

tra o aluno Aristides, autor do escândalo.

Pobre Aristides!... A'quella hora estava êle encerrado num modestissimo café, esperando a protecção da noite para arriscar o seu... acidente pelas ruas.

A's seis horas estava ainda lá, tendo lido três vezes um jornal e todo um anuario comercial.

Quando saiu, bebeu três bocks, dois cafés, mais quatro bocks, um outro café e por fim um cálice de vermut que o tinha estonteado deveras, a ponto de se dirigir a casa de sr.^a Darfaut, supondo chegar a tempo do cotilhão.

Calculem o efeito que produziu a entrada de Aristides naquele estado num salão cheio de senhoras! O ar da noite, porém, fez-lhe bem, felizmente. Um ultimo lampejo de razão fê-lo lembrar-se do caminho do liceu. O seu extraordinario procedimento permitiu-lhe fazer a sua entrada no liceu sem rasgão de outro genero.

Ja soar a hora de jantar. Tomou o seu lugar no refeitório e comeu sem vontade.

Tinha a cabeça como que cingida por um circulo de ferro e as pernas entorpecidas. Deitou-se sem que tivesse consciencia dos seus próprios movimentos e adormeceu sem dar por isso.

Foi sem espanto que na manha seguinte ouviu chamarem-no para ir falar com o reitor; vira Pancrácio. Teve que ouvir um longo discurso ácêrca da sua indisciplina, dos seus modos grosseiros e brutais usados para com os condiscipulos, maneiras que contrastavam singularmente com a sua distincção habitual. O pobre Aristides inclinou a cabeça a essa repreensão que muito lhe custava, mas que não tinha remedio senão ouvir a pé firme para não confessar a falta cometida. Foi obrigado, sem que pudesse justificar-se, a privar-se de saídas até ao dia 1 de janeiro... e estava-se em 1 de novembro.

— Em suma, são dois meses unicamente consagrados ao estudo, sem distracções frivolas! — concluiu o reitor, mandando em paz Aristides.

Lá em cima, Aristides tornou ao estudo com a morte na alma. Dois mezes sem apparecer nas reuniões onde se dança que iam succeder-se consecutivamente por essa época do ano!... Aristides lêra em qualquer parte uma severa apreciação a respeito da frivolidade das relações mundanas.

— Em dois mezes, serei esquecido! — pensava êle tristemente.

O' encantadoras e levianas donzelas, se lhes resta no coração um pouco de piedade para os grandes infortunios, lamentem o desastre acontecido ao pobre Aristides e que não podia ser peor!... Lembrem-se de que depois de ter brilhado nas valsas modernas, de vêr dançar o *cake-walk* via-se desiludido num ultimo e brilhante triunfo, numa nova dança que contava revelar-lhes.

O senhor Aristides, num grande mistério, aprendia havia três semanas, o maxixe!

ESTEVAM JOLICLER.



De todos os lutos o unico que mais inconsolavel deixa verdadeiramente o homem, é o da mocidade.

